

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O USO DA DIDÁTICA FÍLMICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA PARA ESTUDANTES DO ESPECTRO AUTISTA: relacionando bibliografias disponíveis¹

Michelly Lorraine Benicio de Carvalho Belcavello*

Geovana Sampaio Batista**

Resumo

O presente trabalho, tem como objetivo compreender como o uso da linguagem fílmica na geografia auxilia no processo de aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tendo em vista as variáveis características do transtorno, é preciso realizar adaptações para que o ensino ocorra de maneira acessível e inclusiva. Dentre as características supracitadas destaca-se os hiperfocos, estudantes com TEA que apresentam hiperfocos podem demonstrar resistência em estudar assuntos que não se relacionam com seus interesses específicos. No entanto, os educadores podem se valer das particularidades apresentadas por tais estudantes como elemento atrativo, com o propósito de lhes despertar interesse por meio de objetos ou temáticas que lhes chamem atenção. Através de uma análise bibliográfica qualitativa, busca-se entender como as ferramentas audiovisuais podem ser positivas para efetivar uma aprendizagem significativa, e buscar na teoria de Henri Wallon a afetividade como importante instrumento de desenvolvimento. É perceptível que escolhendo intencionalmente um filme existe a possibilidade de promover uma aprendizagem lúdica e literal de assuntos que antes poderiam parecer complexos e abstratos, mostrando que recursos audiovisuais podem ser mediadores afetivos no ensino da geografia para crianças TEA. Portanto, a bibliografia demonstra a grande importância de os profissionais da educação

¹ Artigo elaborado a partir de trabalho apresentado no Simpósio Geografia e Educação do XXVII Encontro Internacional Humboldt, realizado de 15 a 19 de setembro de 2025, em Córdoba, capital, Argentina.

* Graduanda de Geografia da Universidade de Brasília (UnB). Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência. Associada do Centro de Estudios Alexander von Humboldt. Correio eletrônico: michellylorraine5@gmail.com

** Graduanda de Geografia da Universidade de Brasília (UnB). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência. Correio eletrônico: geosampaio@gmail.com



adaptarem seu ensino utilizando de linguagens diversas, em especial a fílmica.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva; Geografia; Linguagem Fílmica; Afetividade.

Abstract

The present work intends to comprehend how film productions in Geography teaching could help the learning process for students with Autism Spectrum Disorder (ASD). Considering the variable features in that disorder, it is fundamental to make adaptations so the teaching could happen in a way that improves accessibility and inclusion. ASD learners may present hyperfocus that impose resistance on learning subjects that are not aligned to their specific's interests. Although, the hyperfocus could be used as an attractive point to catch the learner's attention. Through a qualitative literature analysis in order to understand how film productions could provide high quality education, finding at Henri Wallon's theory the affection as an essential aspect in human development. Therefore, the literature under discussion shows the importance of education adjustment using different approaches, especially the filmic one.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Inclusive Education; Geography; Film Productions; Affection.

Introdução:

Vivemos em uma sociedade diversa, em que cada vez mais tem se discutido a necessidade de se promover e garantir a inclusão dos indivíduos em diversos contextos, especialmente nos educacionais. Sob esse prisma, considera-se que cabe ao sistema educacional se adequar às necessidades de todos os estudantes, de modo a lhes garantir um ensino de qualidade, nas mais diversas realidades socioespaciais. Neste sentido, vem ganhando destaque o olhar social para se compreender e lidar com as especificidades escolares apresentadas por estudantes que se enquadram no espectro autista. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, o presente estudo se dispõe a analisar a utilização da linguagem fílmica como instrumento eficiente de ensino da Geografia para aqueles que cursam a Educação Básica brasileira e que estão inseridos no espectro autista.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico de



desenvolvimento, que afeta significativamente a comunicação e as interações sociais, podendo apresentar alterações na cognição e estereotípias diversas, como movimentos repetitivos, bem como atrasos ou ausência de fala (Gaiato; Teixeira, 2018). As teorias mais recentes apontam que o TEA pode estar associado a fatores genéticos e ambientais.

Como o próprio nome deixa explícito, o autismo se trata de um “espectro”, e, desse modo, ele abarca uma série de variabilidades quanto às suas características. Com o objetivo de abarcar as peculiaridades que envolvem o TEA, ele foi classificado e dividido em 3 grupos, de acordo com o grau de dificuldade que cada indivíduo demonstra diante dos principais aspectos do transtorno, ou o nível de necessidade de suporte (Jesus; Carvalho; Silva, 2023).

Dentre as características do Transtorno do Espectro Autista, destacam-se, ainda, os interesses específicos e hiperfocos, que se definem pelo gosto restrito ou apego exagerado por objetos ou assuntos (Silva, 2021).

Pelas características do transtorno, estudantes com TEA que apresentam hiperfocos podem demonstrar resistência em estudar assuntos que não se relacionam com seus interesses específicos. No entanto, os educadores podem se valer das particularidades apresentadas por tais estudantes como elemento atrativo, com o propósito de lhes despertar interesse por meio de objetos ou temáticas que lhes chamem atenção, usando os interesses específicos dos alunos dentro do espectro para pensar em diferentes ferramentas pedagógicas.

Ademais, cabe observar que, nos últimos anos, com o avanço dos estudos, houve um significativo aumento de diagnósticos de pessoas enquadradas no espectro (Gaiato; Teixeira, 2018). Os fatores anteriormente citados geraram um alerta para as demandas de adaptação no que diz respeito ao ensino de crianças e adolescentes autistas, de modo a lhes possibilitar melhoras significativas em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem, notadamente no contexto educacional.

Deste modo, é de suma importância a adaptação do ensino básico para atender as necessidades desses educandos. No presente estudo, o enfoque será no ensino da Geografia, utilizando da didática filmica como recurso didático de inclusão de autistas.

1. Metodologia

A chamada geodidática filmica caracteriza-se pela utilização de ferramentas audiovisuais, sobretudo filmes, como recurso didático no ensino da Geografia (Moreira,



2012). Segundo Silva (2021), as pessoas com TEA, em sua maioria, respondem bem a estímulos visuais. Enquanto nos livros e demais materiais tradicionalmente didáticos os processos são apresentados de maneira abstrata, o cinema promove uma aprendizagem lúdica e literal. Ademais, esse recurso didático é um possibilitador de circunstâncias nas quais a aprendizagem ganha contrastes reflexivos, emotivos e promove debates ativos entre os estudantes, além de instigar o senso crítico.

Os filmes podem ser usados para introduzir os conteúdos, bem como realizar uma avaliação diagnóstica e entender os conhecimentos prévios dos alunos sobre determinado assunto. Nesse caso, o professor deve fazer uma breve introdução sobre o tema e estimular que os alunos compartilhem o que sabem, assim como suas expectativas para o assunto. Durante esse momento o filme ajuda a criar um ambiente seguro, pelo qual o professor consegue ouvir o conhecimento que os alunos carregam consigo como senso comum, e relacioná-lo com o conhecimento científico que será desenvolvido posteriormente.

De maneira distinta, o uso do filme para estimular o debate crítico por sua vez, deve ser orientado pelo professor. Nesse caso, o professor instiga os alunos a questionarem o conteúdo audiovisual apresentado anteriormente e suas próprias opiniões, promovendo uma compreensão mais estruturada e reflexões mais amplas (Moreira, 2012). Os filmes são instrumentos potencializadores de reflexões sociais, culturais e até mesmo reflexões pessoais, portanto são importantes veículos fomentadores de crítica, auxiliando na formação de cidadãos críticos e responsáveis. Os estudantes, especial aqueles dentro do Transtorno do Espectro Autista podem usar a linguagem cinematográfica como mediação para o desenvolvimento de suas percepções críticas acerca de imbrólios políticos, sociais e econômicos.

Recursos audiovisuais geram estímulos naturais aos estudantes TEA, através do uso de repetições de conceitos se constrói um ambiente facilitador do desenvolvimento intelectual e posterior avanço teórico para a construção da criticidade. As produções audiovisuais também podem ser muito bem aproveitadas se usadas para revisar conteúdo previamente compartilhado. Para os estudantes TEA, o estímulo visual ajuda a lembrar e se aprofundar em conceitos abstratos, superando as barreiras dos materiais didáticos tradicionais.

Em concordância aos demais pontos apresentados, é mister destacar que pessoas com TEA, geralmente, possuem dificuldades de interações sociais (Jesus; Carvalho; Silva, 2023). De tal modo, compreende-se que a Teoria da Afetividade, de Henri Wallon (*apud* Silva; Bastos, 2022), recebe importância nesse prisma.

Segundo essa teoria, os elementos afetivos agem como facilitadores da relação



“aprendizagem-desenvolvimento”, assim pode-se considerar que, ao proporcionar um ambiente emotivo, os filmes atuam como mediadores afetivos dos processos de aprendizagem.

A teoria de Henri Wallon destaca a relação interpessoal entre professor e aluno como fator determinante para o processo de desenvolvimento (Silva; Bastos, 2022). Diante dessa perspectiva, para o profissional da educação, é essencial o conhecimento e a observação de quem é esse aluno, suas características, áreas de afeição e hiperfocos, o que possibilita uma escolha intencional do filme, de acordo com o conteúdo ministrado em sala de aula, ativando o interesse do aluno com TEA e favorecendo seu processo de aprendizagem.

É preciso identificar as características e potencialidades do aluno com TEA, para então selecionar as metodologias que serão utilizadas para desenvolver sua aprendizagem, socialização e inclusão. É importante também, compreender os diversos tipos de linguagens utilizados pelo aluno para entender, dentro de suas inteligências múltiplas, sua área de hiperfoco que posteriormente pode tornar-se uma ferramenta pedagógica a ser manuseada pelo professor (Jesus; Carvalho; Silva, 2023, p. 16).

2. Resultados e discussão

Como demonstra a bibliografia apresentada, o uso de recursos audiovisuais para o ensino de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) proporciona um ensino que supre parte das necessidades específicas de aprendizagem, estas que surgem a partir do transtorno, através da visualização e concretização do conteúdo apresentado, possibilitando um entendimento literal, superando a dificuldade com abstrações.

Entretanto, é mister tornar destaque o papel do professor como um intermediador do processo de aprendizagem levantado pela produção audiovisual. Como previamente citado, é de suma importância que o professor entenda as necessidades individuais de cada estudante (Silva; Bastos, 2022). Através da relação interpessoal entre professor e aluno, que é possível entender suas habilidades e usar recursos audiovisuais que sejam proveitosos para todas os estudantes, em especial os estudantes TEA. A compreensão das necessidades individuais de cada aluno vem a partir de uma relação horizontal entre o professor e o educando.

O professor é que irá escolher o filme com intencionalidade compreendendo as necessidades e interesses dos estudantes, usando da afetividade para escolher aquele que



melhor aborde o conteúdo e gere vontade de consumo nos estudantes. Os processos de aprendizagem que acontecem no desenvolvimento humano, estão ligados a fatores socioambientais, cognitivos e afetivos, e entender todas as facetas desses movimentos contribui diretamente para uma aprendizagem significativa (Silva; Bastos, 2022).

Nesse enfoque, é fundamental que o docente conheça e entenda os seus alunos, especialmente quando pensamos nos alunos dentro do espectro, uma vez que estes podem apresentar certa rigidez ao serem conduzidos ao estudo de assuntos distantes da sua realidade. É de extrema necessidade que o professor mostre para o aluno como o conteúdo estudado é relevante para o seu cotidiano, sobretudo no ensino da geografia. Segundo Jesus; Carvalho; Silva 2023, os hiperfocos ou interesses específicos, como já conceituados anteriormente, podem usados de base para se construir o processo de aprendizagem dos conteúdos programados, desde que haja um interesse da parte do professor em entender o aluno.

Para falar de Educação Inclusiva, é preciso falar também do Plano Educacional Individualizado (PEI), que como destacado por Cavalcanti e Salvador (2023), é um recurso de planejamento fundamental nesse contexto. O PEI é um documento pedagógico colaborativo que descreve as necessidades e a jornada acadêmica de estudantes com necessidades educacionais específicas, sendo assim compreende-se que se trata de um documento de suma importância para a adaptação dos planejamentos de aula, de maneira a contemplar todas as necessidades do estudante. Se trata de um documento que provém de uma relação professor-aluno afetiva, e quando bem elaborado mostra para os professores todas as necessidades escolares do educando, podendo assim proporcionar maior suporte técnico e pedagógico para o estudante.

Apesar de não ser amplamente usado, por consequência do que muitos professores identificam como carência de formação adequada ainda na graduação, o PEI é um documento de extrema utilidade, excepcionalmente na hora de pensar em ferramentas pedagógicas inclusivas.

Para além, é preciso pontuar que nenhum filme é capaz de retratar a complexidade da realidade de modo pleno, portanto também é dever do docente complementar a exibição do filme com outros recursos didáticos, bem como com a extensão do conhecimento técnico (Moreira, 2012).

A Geografia é uma disciplina escolar que desenvolve nos sujeitos noções importantes para que possam compreender o mundo em que vivem por meio das transformações da natureza pelo homem, tendo como objetivo o entendimento e a análise do espaço geográfico e seus elementos (lugar, região, território e paisagem). Sob esse viés, essa disciplina recebe



destaque ao estimular o desenvolvimento da capacidade do aluno com TEA a adquirir noções de espaço, localização e orientação, favorecendo o aluno a compreender os ambientes físicos e sociais, o que auxilia na promoção de sua autonomia (Cavalcanti; Salvador, 2023).

Com essa percepção é possível observar que a Geografia, a ciência da complexidade, trata de assuntos por vezes abstratos, que podem ser desafiadores quando apresentados por meio de metodologias tradicionais e demasiado teóricas. Sendo assim, o uso de recursos audiovisuais proporciona uma prática pedagógica reflexiva através de um conhecimento literal e imagético, uma vez que expõe as temáticas dentro de um roteiro atrativo.

Sendo assim, ao buscar acessibilidade para o estudante que está dentro do Transtorno do Espectro Autista, o professor atua como mediador do processo de aprendizagem daquele estudante, para que ele chegue a plena compreensão dos conceitos geográficos a serem estudados, alcançando o domínio das categorias de análise da cênica geográfica. Consequentemente, esse processo não se restringe a potencializar o sucesso acadêmico do estudante, mas se faz crucial para o desenvolvimento de cidadãos autônomos e independentes, que sejam capazes de realizar análises críticas acerca dos aspectos sociais, físicos, políticos e culturais do espaço geográfico ao qual está inserido.

Em suma, as obras relacionadas demonstram que os filmes têm a capacidade de transformar conteúdos geográficos complexos em experiências envolventes, construindo raciocínio geográfico. Como esclarece Thiago Moreira, na sua obra intitulada “Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil” de 2012:

O uso de filmes possibilita ter contato com representações de períodos históricos e contextos socioespaciais diversos, que nos livros aparecem apenas através de fotos e reprodução de documentos históricos; por fim, e não menos importante, muitos dos assuntos tratados em alguns filmes são interdisciplinares e transversais, possibilitando que professores de diferentes áreas possam trabalhar em conjunto (Moreira, 2012, p. 64).

Considerações finais

Dessa forma, a linguagem fílmica como ferramenta de ensino da Geografia facilita a compreensão de assuntos complexos e ora abstratos para alunos TEA, pois o filme por si só é um potencializador de emoções, o que fomenta o engajamento afetivo do aluno trazendo para a realidade, mesmo que de modo ficcional, os conteúdos aprendidos em sala de aula, o que promove uma aprendizagem efetiva e concreta.

De igual modo, a afetividade também toma destaque ao favorecer o vínculo professor-aluno, buscando com que o educador tenha um olhar mais atento aos seus alunos TEA, de modo a entender suas habilidades, gostos e formas de aprendizagem. Uma vez que se entende que cada pessoa é atravessada de forma diferente pelo transtorno, cabe ao profissional da educação garantir a efetividade do direito de inclusão desses estudantes, por meio de adaptações para suas características do espectro, sejam elas características compartilhadas entre diversos indivíduos mesmo particulares.

No entanto, as obras analisadas alertam para uma grande lacuna no processo de formação docente, que acaba por se tornar uma barreira na busca por um ensino verdadeiramente inclusivo. Infelizmente, muitos professores não se sentem preparados para adaptar suas metodologias tradicionalmente usadas e pensar nas necessidades específicas de seus alunos dentro do transtorno do espectro autista, alegando que não foram devidamente instruídos em seus processos de formação durante a graduação (Cavalcanti; Salvador, 2023).

É necessário solucionar essa questão na base, e buscar capacitar os professores ainda na graduação, a fim de formar docentes que possuam conhecimento técnico e possam atender da melhor forma todos os estudantes, inclusive aqueles que tem direito às modificações nos modelos de ensino. Uma vez que os professores reconheçam a importância de alinharem as ferramentas pedagógicas utilizadas com as necessidades de seus estudantes dentro do espectro, é que é possível trabalhar de forma eficiente com a didática filmica dentro de uma perspectiva inclusiva, e não somente enquanto ferramenta imagética.

Portanto, a bibliografia demonstra a grande importância de os profissionais da educação adaptarem seu ensino utilizando de linguagens diversas, em especial a filmica, a fim de promoverem um ensino inclusivo, afetivo e significativo.

Agradecimentos

O desenvolvimento do presente artigo é uma caminhada conjunta com o auxílio de diversos atores.

Portanto, gostaríamos de agradecer em especial à Professora Doutora Agnes Serrano, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, por despertar em nós o anseio por uma educação em geografia que abrange todos os tipos de estudantes, percebendo suas mais diversas necessidades e especificidades.



Agradecemos a CAPES pelo apoio através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a partir do qual foi possível que nossa atenção fosse voltada para a necessidade de alternativas educacionais para a aprendizagem dos estudantes do Transtorno do Espectro Autista.

Por fim, aos revisores técnicos deste trabalho.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 249, p. 1-2, 28 dez. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAVALCANTI, Nayane Camila Silva; SALVADOR, Natália Karoline Cândido. O ensino de Geografia e o Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma análise comparativa sobre a prática docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2023, [João Pessoa]. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/99949>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

JESUS, Vitória de; CARVALHO, Luan Francisco de; SILVA, Rita de Fátima da. Flexibilização das metodologias para o ensino de Geografia para alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP**, Aquidauana, v. 2, n. 12, p. 7-18, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.55028/geppfip.v2i12.19602>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

MOREIRA, Tiago de Almeida. Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, São Paulo, v. 23, p. 55-82, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0023.0003>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Dineuza Neves da; BASTOS, Luciete. A afetividade no processo de ensino aprendizagem: contributos da teoria de Henri Wallon. **Debates em Educação**, Maceió, v. 14, n. especial, p. 605-620, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14nEsp605-620>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Jhennifer Natiely Lemos Veira da. **O ensino da Geografia na perspectiva inclusiva para alunos autistas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Cacoal, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ifro.edu.br/items/24231a1a-5be1-41d6-9479-376777d5c152>>. Acesso em: 8 jul. 2025.